

## SUPER-SEXO: A INFLUÊNCIA DO FILME PORNOGRÁFICO NO COMPORTAMENTO SEXUAL MASCULINO

*André Henrique dos Santos Francisco<sup>1</sup>*

SUPER-SEX: THE INFLUENCE OF PORN ON MALE SEXUAL BEHAVIOR

**Resumo:** O ato de registrar o cotidiano – incluindo a vida sexual – faz parte da experiência humana desde tempos muito antigos. Ao longo do tempo e do espaço, o ser humano encontrou várias formas de registrar suas experiências sexuais. Porém, somente nos últimos 50 anos é que temos vivenciando momentos de maior abertura para falar de assuntos sexuais. Há muito tempo que sexo é um tema tabu na sociedade, por tratar de intimidade. Assim, a pornografia provoca admiração e repúdio. Assumindo que o comportamento humano é socialmente construído, o comportamento sexual também é resultado de um processo contínuo de aprendizado. Tal processo educativo conta, entre outros elementos, com a participação dos filmes pornográficos. Tais filmes atuam massivamente no imaginário – individual e coletivo – e reforçam ideias, estereótipos, padrões de comportamento que podem ser entendidos pelos consumidores de pornografia como representação da realidade e, portanto, elementos de (re)produção. A pornografia apresenta um ‘super-sexo’, contemplando performances e desempenhos sexuais extremamente atléticos e pouco conectados com a realidade. Assim, os homens consomem um ideário de masculinidade, virilidade e uma gama de práticas e performances que se ‘naturalizam’ e, portanto, passam a fazer parte de seus anseios e expectativas. Quanto mais longe da realidade do indivíduo se encontra tal lógica e tal estética, maior é o grau de frustração (sexual) do indivíduo. Ao associar estudos sobre a vida sexual com pesquisas acerca da pornografia, podemos perceber que a frustração quanto ao desempenho pode ser fator desencadeador de disfunções e inadequações sexuais, especialmente na população masculina – público-alvo prioritário dos filmes pornográficos. O estudo da influência da pornografia no comportamento sexual pode contribuir com o processo de redução de tais angústias e na busca de uma vida sexual mais autônoma, menos normativa.

**Palavras-chave:** pornografia; filmes pornográficos; mídia; comportamento sexual

**Abstract:** The act of recording daily life - including sexual life - has been part of the human experience since ancient times. Throughout time and space, human beings have found a variety of ways to register their own sex experiences. But only in the last 50 years we have experienced moments of greater openness when talking about sexual matters. Sex is a taboo topic in society because it deals with intimacy. Thus, pornography causes admiration and disgust. Assuming that the human behavior is socially constructed, sexual behavior is also the result of a continuous learning process. This educational process, among other things, counts on the participation of porn movies. These films act massively in the imaginary - individual and collective ones - and reinforce ideas, stereotypes, patterns of behavior that can be understood by consumers of pornography as a representation of reality and, in consequence, (re)production elements. Pornography shows a ‘super sex’, comprising extremely athletic sexual performances not greatly connected with reality. Thus, men consume an ideal of masculinity, virility and a range of practices and performances that are ‘naturalized’ and, thus become part of their desires and expectations. The further from the individual’s reality such logic and aesthetic are, the greater the degree of (sexual) frustration of the individual. Correlating to sex life studies and research about pornography, one can see that frustration in regards to performance may be a triggering factor of sexual dysfunctions and inadequacies, particularly in the male population - a priority target audience of pornographic films. The study of the influence of pornography on sexual behavior can contribute to the process of reducing such anxieties and finding a healthy(ier) sex life.

**Keywords:** porn; porn movies; media; sexual behavior

---

<sup>1</sup>Especialista em sexualidade humana pelo Laureate Institute -- IBMR e mestre em antropologia pelo PPGA/UFF.  
Email: [andreh77@gmail.com](mailto:andreh77@gmail.com)

## Introdução

A pornografia, por ser tabu, é um tema que provoca admiração e repúdio. Mas parece estar relegada ao segundo plano no que se refere aos estudos da sexualidade humana e, talvez, não seja reconhecida a devida importância de sua influência nas práticas e comportamentos sexuais que reproduzimos.

Enquanto expressão cultural, a pornografia exerce influência na construção do comportamento sexual humano, seja esta positiva ou negativa. Os filmes pornô, por exemplo, atuam de forma expressiva no imaginário – individual e coletivo – e acabam por reforçar ideias, estereótipos, padrões de comportamento que podem ser reproduzidos e aceitos como representação da realidade, como verdade.

Os filmes pornô apresentam performances sexuais diversas. Assim, é justo acreditar que essas performances afetam o processo individual de criação de expectativas acerca do desempenho sexual – seja próprio, seja do(s) parceiro(s).

Neste artigo, pretende-se tratar do surgimento e desenvolvimento da pornografia ao longo do tempo e do espaço, de como ela pode afetar a construção de ideias e comportamentos e, com isso, como ela pode afetar a vida sexual dos indivíduos – especialmente dos sujeitos masculinos.

Ao buscarmos uma melhor compreensão sobre o que é a pornografia e sua ligação com nossos comportamentos sexuais, podemos também, enquanto terapeutas e educadores sexuais, levantar questionamentos e vislumbrar novos horizontes no aconselhamento e mesmo no tratamento de disfunções sexuais.

### **Porno-grafias: as diversas formas de escrever e inscrever o sexo**

O ato de registrar tarefas do cotidiano – incluindo aspectos da vida sexual – faz parte da experiência humana desde tempos muito antigos, como podemos observar em pinturas rupestres que representam mitos, lendas, fábulas, histórias diversas, e também o comportamento sexual. Através do tempo e nas diferentes sociedades, diversas foram as formas de retratar, contar e recontar o comportamento sexual.

As chamadas pinturas rupestres, por exemplo, são as mais antigas representações pictóricas conhecidas. Além das pinturas, as

esculturas, as cerâmicas, as armas e os utensílios trabalhados em pedra, ossos ou metais, são elementos que testemunham a vida do homem primitivo em tempos remotos.

Os primeiros registros da *ars erotica* remontam a pré-história, com reproduções da vida cotidiana representadas pelo homem primitivo nas paredes de suas cavernas, bem como outros meios para exibir suas pinturas. Posteriormente, temos as imagens esculpidas na pedra – como mulheres de seios e/ou abdomes proeminentes ou ainda falos (LINS; BRAGA, 2005).

Acredita-se que, aqui, a intenção não é necessariamente provocar excitação, mas sim que tais esculturas tenham um caráter de certa forma religioso: são entendidos como símbolos de fertilidade, família numerosa, poder/proteção e, também, de sobrevivência (FRANCISCO, 2015).

Mais à frente na história, com o advento da escrita, novas formas de descrever e registrar o cotidiano se estabeleceram. Com isso, surgiram também novas formas de retratar a vida sexual. Por volta do século XVIII é forjado então o conceito de pornografia. É no período da Revolução Francesa que a pornografia se firma quase como um legado do movimento renascentista (HUNT, 1999).

Com a Renascença, houve um florescimento de várias manifestações artísticas na Europa, especialmente na Itália e na França. Acompanhando esse florescimento, a arte erótica experimentou também um crescimento e uma maior difusão.

Porém, a pornografia não surge de forma tão espontânea como conceito e categoria. Ela se define em decorrência dos conflitos entre a florescente arte de pintores, escultores e escritores e as novas formas de regulamentação que se desenvolveram com as sociedades europeias (MORAES, 2003).

Entre os séculos XVIII e XIX, com o avanço da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, é que se experimenta um verdadeiro *boom* da pornografia. Surgiram novas tecnologias, novas formas de produção e manufatura e, conseqüentemente, se produzem inúmeras mudanças nas mentalidades dos povos (HUNT, 1999).

Além dos manuais (compêndios elaborados com objetivo de orientar a vida sexual dos indivíduos, bem como entreter e estimular a busca do prazer), romances e novelas também

são fontes de registro do cotidiano e de entretenimento para os indivíduos.

Com a invenção da prensa e uma maior difusão de obras literárias, os manuais e livros ganharam um novo fôlego e também um maior alcance de público consumidor (HUNT, 1999; STEARNS, 2010). É bastante razoável supor que, na rasteira desse processo de popularização e difusão de material impresso, a arte erótica e a pornografia também tenham se difundido de forma mais massificada.

No caminho aberto por essas novas formas de pensar e agir dentro das sociedades, a pornografia passa a ter maior alcance, atingindo cada vez mais parcelas significativas das populações. O avanço das tecnologias possibilita, então, o surgimento de novas formas de representar a sexualidade. É quando surgem as primeiras revistas e almanaques pornográficos. A invenção da fotografia estabelece as bases para o surgimento de “retratos indecentes”. (MORAES; LAPEIZ, 1985) e, mais à frente, o surgimento do cinema permite que o ato sexual seja transcrito para a linguagem das imagens em movimento (HUNT, 1999).

À medida que a tecnologia avança, a pornografia obtém novos meios de ser (re)produzida. A pornografia, então, se manifesta de diversas formas na nossa sociedade, suas representações se encontram presentes no nosso cotidiano de uma forma muito maior que imaginamos: para além das *sex shops*<sup>2</sup>, filmes da seção específica na locadora ou das imagens pornográficas que circulam amplamente pela internet, há representação do sexo em novelas, nudez parcial ou total em revistas e filmes, e mesmo nas insinuações de cunho erótico em músicas e danças.

Por mais que se fale, pense e produza conhecimento sobre a pornografia, no que tange sua conceituação, somos todos como aquele

menino de quem fala Nelson Rodrigues: estamos espiando o amor pelo buraco da fechadura (CASTRO, 1992). Há ainda muito que escapa aos nossos olhos e mesmo à nossa compreensão.

### Jogo de cena: o tabu de desvelar os bastidores

Embora o registro do cotidiano sexual seja algo que permeia a “aventura humana na terra” desde os tempos ancestrais, somente nos últimos 50 anos é que estamos vivenciando momentos de maior abertura para tocar em assuntos relacionados a aspectos sexuais.

Por exemplo, desde a década de 1960, com o movimento feminista e de liberdade sexual, estamos experimentando momentos de maior abertura para falar em temas pertinentes à nossa vida sexual: amor livre, contracepção, aborto, prevenção de doenças e até mesmo assuntos de higiene pessoal.

Porém, sexo ainda é um tema de difícil abordagem em nossa sociedade, porque envolve os comportamentos mais íntimos dos indivíduos. E sua vinculação com a pornografia e o erotismo ainda é estigmatizada. Afinal, toda arte erótica ou pornográfica – seja ela *mainstream*<sup>3</sup> ou *amadora*<sup>4</sup> – está sempre relegada à marginalidade, quase se tornando um universo paralelo, algo oficialmente dissociado de nossa existência, porém intimamente ligado a ela.

Sexo é um tema que ainda é tabu na sociedade porque envolve comportamentos íntimos e privados. Nesse ínterim, a pornografia é um produto cultural que provoca admiração e repúdio justamente porque se firma no desvelamento e na transposição dessa intimidade do âmbito privado para o âmbito público (GIDDENS, 1992). À medida que a pornografia transpõe cada vez mais assuntos de bastidores para o centro da cena, mais evidenciado fica

<sup>2</sup>*Sex shops* são lojas – físicas ou virtuais – que comercializam produtos com finalidades sexuais, tais como vibradores, bonecas infláveis, acessórios de sadomasoquismo, lingerie erótica, fantasias, filmes pornográficos, preservativos, cremes, calcinhas comestíveis, entre outros produtos. As lojas físicas podem estar equipadas com cabines para exibição de vídeos (onde podem ocorrer encontros sexuais, inclusive). Algumas *sex shops* dispõem de estruturas mais elaboradas, de acesso pago, próprias para promover o intercuro sexual entre seus clientes/frequentes.

<sup>3</sup> Termo inglês usado nas artes para designar um pensamento ou gosto corrente da maioria da população. Refere-se a algo comum, usual, familiar às massas, que está disponível ao público geral e/ou que tem laços comerciais. Assim, o *mainstream* inclui tudo o que diz respeito à cultura popular, de maneira especial refere-se a tudo que é disseminado principalmente pelos meios de comunicação de massa.

<sup>4</sup> Embora “caseiro” e “amador” não sejam sinônimos, os termos foram utilizados indistintamente, como contraposição à pornografia *mainstream*. Cabe ressaltar que a gravação caseira de sexo é algo diferente da pornografia *amadora*, especialmente porque esta última possui um apuro maior que a primeira, em termos de linguagem, estética e aspectos técnicos de produção.

seu caráter transformador<sup>5</sup>.

Desse modo, além de se definir em contraposição à ordem vigente e à censura, a pornografia é categorizada pelo seu caráter questionador. Ela emerge como um mecanismo de crítica social e política, de questionamento de costumes e padrões. A pornografia surge, a partir do Renascimento, tanto para chocar como para divertir (HUNT, 1999).

Os germes da crítica e da transgressão estão presentes desde a sua conceitualização à época da Revolução Francesa. Assim, o conceito de pornografia, tal como o entendemos atualmente, se forma na oposição entre o livre pensamento e proibição, entre livre expressão e censura. A censura caminha de mãos dadas com a pornografia ao longo de sua história.

Levando em conta as proposições de Foucault (1979) acerca das estruturas de poder e dominação, a pornografia deve ser entendida, então, como um produto das novas formas de regulamentação (bem como dos novos desejos do saber): tal como a medicina, a loucura, a prisão e mesmo a sexualidade, se insere num contexto próprio, específico. Então, a pornografia assume um caráter subversivo por promover um discurso acerca da sexualidade que é diferente daquilo que é difundido como norma (HUNT, 1999).

Discursos a respeito do sexo, da sexualidade e da prática sexual sempre tiveram um status de tabu dentro da cultura ocidental, fortemente marcada pela tradição judaico-cristã (FOUCAULT, 1988). Sob essa perspectiva, à pornografia era (e ainda é) atribuído um caráter de imoralidade, de impureza, de sujeira. Não foram poucos os esforços empreendidos para erradicar ou, ao menos, coibir a pornografia (FOUCAULT, 1984)<sup>6</sup>.

As estratégias de controle visam silenciar, manter os discursos sobre o sexo no âmbito da intimidade, do pessoal, do privado. Esse silenciamento torna-se uma barreira, um fator impeditivo de geração e circulação de conhecimentos sobre o sexo, o que pode afetar nega-

tivamente o comportamento social e, especialmente, sexual dos indivíduos. É um efeito que pode até ser sentido na construção de identidades (BARTH, 2000).

### **Masculinidades e comportamentos: o movimento de *tornar-se***

Desde que nascemos, somos submetidos a um intenso e contínuo processo de aprendizado chamado de socialização. Cada indivíduo deverá aprender a reconhecer padrões de comportamento, identificando modelos a seguir ou a refutar, de acordo com aquilo que se espera dele. “Para cada profissão, sexo, idade, há uma expectativa de comportamento específico, supostamente adequado” (DUTRA, 2002, p. 361).

De acordo com essa perspectiva, entende-se que nada está dado de antemão: todo comportamento humano é fruto da cultura, trata-se de construção social (MAUSS, 1974). Dessa forma, sexualidade, gênero e comportamento sexual também são construtos (LOURO, 2000).

A cultura é responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, “por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sexuais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas”. (HEILBORN apud FLAUSINO, 2002, p. 10).

Na sociedade contemporânea, a cultura adquiriu um status de centralidade no entendimento dos processos de significação. Essa circulação de sentidos corresponde a uma circulação política, econômica e financeira, através de diferentes meios, especialmente da mídia (HALL, 2000).

Assim, como aponta Flausino (2002, p. 139), o conceito de pedagogias culturais trata do reconhecimento e problematização da im-

<sup>5</sup>Essa noção é o cerne da própria ideia de ‘obscenidade’. O vocábulo “obsceno” pode ser entendido como a negação de uma corruptela do vocábulo *scena* (algo que está à mostra). Indica o que é de mau agouro, o que não se expõe, o que está “fora de cena”. O exhibir e o olhar são clandestinos (FRANCISCO, 2015).

<sup>6</sup>O viés mais recente pretende dominar a pornografia através da lógica de mercado vinculada aos parâmetros estabelecidos pela Indústria Cultural (cf. ADORNO, 2002; GOLDENSTEIN, 1987). O mercado determina quais tipos de pornografia podem ou não ser comercializados legalmente. O aspecto da legalidade é algo que legitima a pornografia enquanto produto cultural consumível (FRANCISCO, 2015).

portância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, “enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades”.

De acordo com Fischer (2002), esses processos de subjetivação são históricos e devem ser encarados em sua ampla diversidade, nos modos de existência que produzem, conforme a época, a sociedade e a cultura em que estejam inseridos. Isso significa que podemos entender corpo, gênero, identidade e sexualidade como fenômenos biopsicossociais que, para além dos caracteres inatos, se definem sobretudo por construções sociais (OLIVEIRA, 2004; LOURO, 2008). *Ser homem* é, de fato, um movimento de *tornar-se*, que perpassa a construção de comportamentos sociais e, obviamente, sexuais.

Partindo do princípio de que o comportamento sexual, com qualquer comportamento humano, é resultante de um processo contínuo de aprendizado, podemos assumir que esse processo educativo conta, entre outros elementos, com a participação dos filmes pornográficos.

Como já foi apontado, a presença da pornografia se faz sentir em diversas instâncias de nossa vida cotidiana, especialmente de maneira subliminar, quase imperceptível. Os filmes pornôns encontraram grande circulação, especialmente nos últimos 40 anos, com os avanços tecnológicos que permitiram maior facilidade de acesso, de distribuição e mesmo de produção (PARREIRAS, 2012).

Com essa grande difusão, tais filmes atuam de forma massiva no imaginário – individual e coletivo – e acabam por reforçar ideias, estereótipos, padrões de comportamento que podem ser entendidos pelos consumidores de pornografia como representação da realidade e, portanto, elementos a serem (re)produzidos (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010).

Ao apresentar padrões extremamente performáticos de comportamento sexual, a indústria da pornografia elabora e dissemina um sexo ideal: o super-sexo. O *super-sexo* engloba um conjunto de práticas e comportamentos que contemplam performances e desempenhos sexuais particularmente atléticos e pouco conectados com a realidade.

Ao consumir os filmes pornôns, os homens

estão consumindo um ideário de masculinidade, de virilidade e uma variada gama de práticas e performances que se naturalizam e, portanto, passam a fazer parte de seus anseios e expectativas. O super-sexo torna-se algo desejável, um conjunto de requisitos a ser cumpridos, uma meta a ser atingida.

Levando em consideração que sexo é tema considerado tabu e que pornografia é um assunto do qual pouco se fala, pode-se dizer que, na maioria dos casos dos consumidores (diretos ou não) de pornografia, não existe um movimento de assimilar os conteúdos da pornografia de maneira crítica. Assim, esses padrões de comportamento sexual estabelecidos pela lógica da indústria pornográfica reforçam esse ideal estético-comportamental de super-sexo, que é inculcado pelos indivíduos sem maiores questionamentos.

Desse modo, quanto mais longe da realidade do indivíduo se encontra tal lógica e tal estética, maiores as chances de frustração (sexual) do indivíduo: por sentir-se incapaz de reproduzir esses padrões estabelecidos, o indivíduo (e mesmo sua/seu parceira/o) tende a considerar negativamente o seu desempenho e, como isso, crescem as chances de que ele venha a desenvolver algum tipo de resposta negativa, de disfunção sexual ou comportamento inadequado.

Ao analisarmos diversos estudos e pesquisas a respeito da pornografia e correlacionando-os à vida sexual, podemos perceber que a frustração quanto a esse desempenho pode ser um dos fatores desencadeadores de disfunções e inadequações sexuais, especialmente na população masculina – público-alvo prioritário dos filmes pornográficos.

Por exemplo, se levarmos em consideração que boa parte dos problemas de disfunção erétil são de origem psicoemocional, é possível entender que sejam decorrentes de anos de frustração de expectativas de desempenho e performance sexual. Então, se a pornografia afeta a construção de nossas ideias e padrões de comportamento sexual, torná-la um objeto de estudos e, assim, de pensamento crítico pode ser algo bastante útil no diagnóstico e tratamento da disfunção erétil.

Ou ainda, ao se tornar a pornografia um tema válido para discussão séria dentro da edu-

<sup>7</sup> Para outros exemplos, cf. Castleman, (2011) e Lemos, (2011).



cação sexual, podemos desmistificar uma série de ideias, mitos e padrões, ajudando a construir comportamentos sexuais mais saudáveis<sup>7</sup>.

### Considerações finais

Uma das características mais marcantes da pornografia, para além dos embates entre o público e o privado, o socialmente aceito e o marginalizado, moral e imoral, explícito e implícito, é que ela se define realmente pelo seu caráter *libertário e transformador*. Libertário porque abre espaço para explicitar representações sexuais que estão relegadas a um segundo plano, marginalizadas. Transformador porque produz padrões e comportamentos sexuais não apenas secretamente desejados pelos seus consumidores, mas também que influenciam em sua vida sexual – para o bem ou para o mal.

O estudo da pornografia e de sua ação no comportamento sexual humano pode (e deve) ser uma importante forma de desmistificar ideias, de encarar nosso próprio comportamento sob uma visão diferente. Como a conscientização do indivíduo, de certa forma, pode apresentar perspectivas de melhorar o desempenho sexual.

A sexualidade é, de fato, um discurso. Como discurso, está presente na mídia, mesmo que de forma velada (MAINGUENEAU, 2010). Papéis e comportamentos são amplamente difundidos de forma massiva, pela grande inserção dos meios de comunicação em nossa vida cotidiana. Esses comportamentos são construídos e disseminados de forma midiática e afetam a construção não apenas da identidade de cada um, mas também de seu comportamento sexual.

Assim, o exercício da sexualidade interfere no movimento identitário. É nesse ponto que se faz sentir a influência da pornografia. A criação de um ideário de masculinidade e a imposição de comportamentos masculinos, apresentados pelos filmes pornográficos, podem afetar diretamente na construção de comportamentos sexuais.

Em termos de imaginário coletivo, segundo a concepção de Durand (2010), o filme pornô deve ser compreendido como uma representação da realidade socialmente construída e aceita. Difundidos de forma expressiva, os padrões de comportamento sexual moldados pela indústria pornô são impostos à massa de consumidores e por ela introjetados, assumidos como 'naturais' e sua reprodução na vida coti-

diana se torna algo desejável.

De fato, os filmes pornôs contemporâneos apresentam performances sexuais atléticas: vigorosas, de longa duração, corpos malhados, ampla variedade de posições sexuais e com fatura de ejaculação. Nas imagens do filme pornô, o ato sexual é convertido nesse ideal da performance sexual atlética. Mais que uma atividade prazerosa, saudável e necessária, o sexo se torna um espetáculo (KELLNER, 2003)!

Se os filmes pornôs apresentam performances sexuais atléticas, o imaginário coletivo se povoa do ideário de um super-sexo. Em certa medida, tal ideário acaba por povoar nossas expectativas, desejos, anseios, fantasias. Logo, essa é a performance sexual que se espera reproduzir.

É estabelecido um novo padrão de práticas, ações e comportamentos de cunho sexual que torna-se cada vez mais difícil de ser acompanhado e reproduzido. Com base nesse ideário de um 'super-sexo', cria-se uma expectativa de performance e desempenho sexuais que são irreais ou com poucas chances de serem fielmente reproduzidas tendo em vista nossas próprias limitações fisiológicas. Assim, muitas vezes a performance masculina é considerada falha ou decepcionante por não corresponder a esse padrão de comportamento e prática sexuais impostos pelo filme pornográfico.

Desse modo, pode-se inferir que, quanto mais longe da realidade do indivíduo se encontra tal lógica e tal estética, maior é o grau de frustração (sexual) do indivíduo, por sentir-se incapaz de reproduzir os padrões estabelecidos pela indústria pornô.

Além da cobrança autoimposta, há também a cobrança por parte dos parceiros sexuais, independente do seu gênero. Esses parceiros até podem não ser consumidores diretos dos produtos da indústria pornográfica, mas estão sujeitos indiretamente a aprender e apreender padrões de comportamento delimitados pelos filmes e, com isso, gerar expectativas. Neles também se reflete a expectativa do consumidor a respeito do parceiro.

Ou seja, com base no que se vê e se aprende com os filmes pornôs, gera-se uma cadeia de expectativas de comportamentos, práticas e performances. Sendo essas expectativas baseadas em um 'mundo de fantasia', sua transposição para o âmbito da realidade nua e crua do sexo está fortemente sujeita a angústias, frustrações e decepções.

O estudo da influência da pornografia no comportamento sexual humano pode ter uma importância fundamental no processo de redução de tais angústias e na busca de uma vida sexual (mais) saudável e livre de cobranças. Embora seja vista normalmente como entretenimento, já apontamos que a pornografia tem grande influência na imposição de comportamentos, ações e expectativas sexuais.

A partir do momento em que entendemos que nossos comportamentos também são frutos de um processo de aprendizado, podemos inferir que alguns comportamentos podem ser modificados, reaprendidos. Ou ainda que novas ideias e comportamentos podem ser inseridos em substituição aos antigos, de forma a propiciar uma busca saudável pelo prazer.

Mais especificamente, no âmbito do comportamento sexual masculino, o estudo da influência da pornografia pode contribuir para desmistificar ideias. Se a angústia do homem é não conseguir desempenhar aquele sexo performático que ele vê no filme pornográfico, é hora de entender – e de fazer entender – que tais práticas e performances não têm uma correspondência direta com a realidade – e nem precisam ter.

Num âmbito pessoal, é preciso compreender que as performances sexuais apresentadas nos filmes fazem parte de uma fantasia, de um ideal que é bastante diferente do real. Que os corpos que são vistos nos filmes são cuidadosamente escolhidos para satisfazer uma concepção estética construída por uma lógica de mercado. Que a grande preocupação, no contexto de produção do filme pornográfico, é com uma estética que seja *vendável*.

Talvez a própria pornografia possa, inclusive, se orientar e se pautar pela busca de performances mais realistas do que atléticas/estéticas. Enquanto esse dia não chega, é preciso que cada indivíduo se conscientize de que o verdadeiro super-sexo deve ser aquele que se é capaz de fazer/cumprir/desempenhar com prazer, ao invés daquele que se espera alcançar.

Ou seja, o verdadeiro super-sexo não é aquele que é mostrado nos filmes pornográficos – que são a expressão de uma fantasia, como toda pornografia. O super-sexo pode ser aquele que o ser humano é capaz de desempenhar, com seu corpo, seu desejo e seu afeto. Um sexo realista, sem truques de câmera e edição, que lhe proporcione prazer.

Portanto, no estudo da pornografia e sua

influência no comportamento sexual humano, a tarefa mais importante é desmistificar ideias e, de certa forma, realmente melhorar o desempenho sexual através da conscientização dos indivíduos. Dessa forma, o filme pornô, longe de ser algoz da vida sexual sadia, poderá servir como puro entretenimento e também como um manual orientador da busca de um prazer livre de cobranças.

## Referências

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARTH, Fredrik. "Os grupos étnicos e suas fronteiras". In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CASTLEMAN, Michael. How does internet porn affect teens – really?. *Psychology Today*, New York, 17 maio 2011. Disponível em: <<http://www.psychologytoday.com/blog/all-about-sex/201105/how-does-internet-porn-affect-teens-really>>. Acesso em: 13 maio 2012.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a história de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo: Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2010.

DURAND, Gilbert. "O paradoxo do imaginário no ocidente". In: *O imaginário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

DUTRA, José L. 'Onde você comprou esta roupa tem pra homem?': A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FISCHER, Rosa M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan.-jul., 2002.

FLAUSINO, Márcia C. "Mídia, sexualidade e identidade de gênero". *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Salvador, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. v. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. v. 2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANCISCO, André H. S. *Sex tapes: questões de corporalidade, performance e masculinidade numa etnografia de um fetiche*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1992.

GOLDENSTEIN, Gisela T. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus Editorial, 1987. Coleção Novas Buscas Em Comunicação.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HUNT, Lynn. "Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800". In: *A invenção da pornografia*. São Paulo: Hedra, 1999.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. *Revista Líbero*. São Paulo, ano VI, v. 6, n. 11, 2003.

LEMONS, Nina. "Mary del Priore: historiadora debate Barbie, aborto, erotismo e os mitos que a mulher leva para a cama". *Revista TPM*, São Paulo, 18 jul. 2011. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/111/paginas-vermelhas/mary-del-priore.html>>. Acesso em: 10 maio 2015.

LINS, Regina N.; BRAGA, Flávio. *O livro de ouro do sexo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Revista Pro-Posições*. Campinas, v. 19, n. 2, p.56, maio-ago. 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAUSS, Marcel. Noção de Técnica Corporal. *Sociologia e Antropologia*. v. 2. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MORAES, Eliane R.; LAPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia?* São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.

MORAES, Eliane R. O efeito obsceno. *Cadernos PAGU*, Campinas, n. 20, 2003.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: UFMG, IUPERJ, 2004.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Cadernos Pagu*, n. 38, p. 197-222, jan.-jun. 2012.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.